

Monetarismo pode voltar com "terapia de choque"

Para quem acredita que o monetarismo está definitivamente afastado do pensamento econômico oficial e do cenário de poder, economistas monetaristas, independentes e estruturalistas avisam: isto não é verdade. Eles apenas não crêem que haja espaço para o retorno a ministérios econômicos de homens como Roberto Campos, Mário Henrique Simonsen ou Delfim Netto.

Porém, não descartam que alguns de seus seguidores, mais ou menos heterodoxos — como Paulo Rabello de Castro (Ibre/FGV) Paulo Guedes (PUC/RJ), Celso Martone, Affonso Celso Pastore e Carlos Alberto Longo (Fipe/USP) — conquistem um lugar ao sol do Planalto Central, a médio e a longo prazo. Isso, se as teorias do grupo PMDB não derem certo na prática ou, mesmo, se as pressões políticas encurtarem demais o prazo para viabilizá-las, ou ainda se os credores externos rejeitarem totalmente a concessão de novos créditos, fundamentais para que Sayad e Funaro levem seus projetos adiante.

Então, concordam monetaristas e alguns estruturalistas, as pressões por uma terapia de choque "à la argentina" se fortalecerão muito e Sarney poderá ter de pescar valores nos laboratórios antes utilizados: Ibre e Fipe. Também aí, poderia estar reservado um lugar para Francisco Lopes (PUC/RJ), o autor do plano Alfonsin.

De qualquer forma, afirma Frederico Mazuquelli, da Unicamp, o "monopólio do Ibre" sobre a política econômica brasileira chegou ao fim, e não por acaso, mas por perder o embate com uma "frente articulada de economistas de oposição, com teses muito bem estruturadas e comprovadas pela realidade". O que não quer dizer que se conteste o brilho, a genialidade ou a capacidade de homens como Campos, Simonsen e Delfim.

O que os economistas da Unicamp, por exemplo, rejeitam em Campos — o mais ortodoxo entre os três — é seu hábito de permitir que "a ideologia predomine sobre a razão". Em Simonsen, um monetarista não radical, admira-se a genialidade, mas até economistas independentes não lhe perdoam a "comprovada" falta de "timing", ou, em outras palavras, a inabilidade por não colocar em prática determinadas medidas no momento certo, apesar da "excelência de sua análise teórica". Finalmente em Delfim, um heterodoxo, reconhece-se na Unicamp — talvez até com uma ponta de admiração — o oportunismo político, a capacidade de articular grupos, a esperteza e agilidade, em suma, a "malandragem"; o que os estruturalistas não lhe perdoam são as "falhas" na análise da origem da crise brasileira — crítica de que Simonsen também é alvo — e, a partir daí, as medidas "ineficientes" de curto prazo com que tentou montar uma política econômica.

Uma crítica comum a todos é a de que os três, com seus diferentes matizes de ortodoxia, acabaram cometendo o grande pecado do monetarismo, ao permitir o crescente e excessivo avanço do Estado na economia.

"O Capitalismo Tardio", de João Manuel Cardoso de Mello, é a bíblia dos estruturalistas. Mas nem por isso seus preceitos são seguidos ao pé da

letra, pois, se ortodoxia virou sinônimo de monetarismo, o estruturalismo, por princípio, é tudo o que se opõe ao pensamento econômico clássico, seja por que via teórica for.

Segundo Frederico Mazuquelli, da Unicamp, a tese de Cardoso de Mello, defendida em 1975, é "o grande acerto de contas", não só com as teorias monetaristas, mas também com as idéias disseminadas pela própria Cepal — de autoria de Celso Furtado e Raul Prebisch —, libertando o estruturalismo do modelo de capitalismo dependente, formulado por Furtado, e avançando mais além, ao "pensar" um novo modelo de desenvolvimento capitalista da economia brasileira.

Porém, o despontar da Unicamp como laboratório de idéias econômicas é bem anterior à obra de Cardoso de Mello. Ele começa em 1967/68, com um núcleo formado pelo próprio Cardoso de Mello, Luiz Gonzaga Belluzzo, Wilson Cano, Ferdinando Figueiredo, Maria da Conceição Tavares, Antônio Barros de Castro, Carlos Lessa, Carlos Eduardo Gonçalves e Osmar Marquese, todos com uma forte ligação com a Cepal.

No início de 70, Belluzzo e João Manuel vão assessorar Dilson Funaro na Secretaria da Fazenda de São Paulo, enquanto Conceição, Lessa e Castro vão para o Chile, lecionar na Esclatina da Cepal, para onde também vão, para fazer o mestrado, nomes hoje representativos na Unicamp, como João Carlos Braga, Frederico Mazuquelli, Paulo Baltar, Ana Célia Castro e Carlos Alonso Barbosa de Oliveira. Na mesma época, Luciano Coutinho, que havia defendido sua tese de mestrado na USP, vai fazer doutorado na Universidade de Cornell (EUA). Com a queda de Allende, em 1973, voltam todos para a Unicamp.

DA CEPAL AOS EUROPEUS

Assim, a partir de 1974/75, começam a se consolidar as teses estruturalistas da Unicamp. Além da obra de Cardoso de Mello, Maria da Conceição faz sua tese de livre-docência — uma reflexão sobre a heterodoxia da industrialização brasileira — e Belluzzo lança o seu "Valor e Capitalismo". Na mesma época, tem início o primeiro curso de mestrado, que forma gente como Mário Possas, Júlio Sérgio Gomes de Almeida; novos professores são contratados, como Paulo Davidoff e Frederico Mazuquelli. E começa a ligação com Ulysses Guimarães e o PMDB.

O que separa fundamentalmente as idéias concebidas na Unicamp das teorias monetaristas, além das divergências sobre o papel do Estado na economia, é a importância da política monetária no combate à inflação. Para os estruturalistas, sua influência é nula ou mínima, já que a inflação brasileira é crônica há 40 anos. Para os monetaristas, ela é fundamental: mais moeda, mais inflação.

O que dificulta o sucesso dos estruturalistas hoje, segundo eles mesmos afirmam, é a "degradação das condições da economia". Sua justificativa: se o governo não tivesse insistido na tese de que a crise internacional dos anos 70 era simplesmente conjuntural e, ao invés disso, colocasse em marcha as reformas econômicas de base "necessárias", inclusive com a renegociação da dívida externa já ao final da década, o cenário atual seria muito menos dramático.